



Quando o menos é o mais

Como primeiro efeito “maravilhoso” da *Consagração a Jesus por Maria*, que S. Luís de Montfort encontra na vida do fiel que a vive, refere-se o conhecimento negativo de si mesmo (cf. VD 213). Ultimamente tenho pensado muito no alcance das palavras deste número, tão desconcertantes quanto proféticas, e que bem se podem aplicar à seara da vida dos consagrados.

Deparamo-nos hoje com tantas crises na vida religiosa, ou uma vida religiosa em crise, que as palavras do nosso fundador poderão ser inspiradoras. Situações negativas, escândalos, falta de espírito de pertença, deserções por “dá cá aquela palha”, para depois se viver fingindo felicidade; e a maior praga de todas: a falta de alegria. Vive-se muitas vezes a consagração como se fosse uma condenação a carregar um fardo e não tanto a desfrutar da alegria de sermos amados pelo Senhor da Vida. Tudo isto nos faz pensar: qual é a causa deste estado? Como enfrentar tamanha crise? Não se terá perdido, ou abafado, a consciência da própria fragilidade, deixando emergir o autoconvencimento, falando mais alto as pretensões humanas? Não será este rumo, para o religioso e para o cristão, o sentido obrigatório do precipício? Achar-se demasiado certo, julgar-se demasiado bem, colocar-se sempre no patamar superior, leva a resultados bem conhecidos. Se não houver coragem para abraçar e enfrentar os abismos da própria fragilidade e miséria, o perigo da morte espiritual rondará o religioso, esfumando-se nele a alegria do seguimento de Jesus. O “mais” está no lado das imperfeições, e não do lado das alegadas capacidades ou méritos; o caminho seguido pelo Senhor foi o do “menos” (cf. Fil 2, 8).

Através da participação na “profunda humildade” de Maria - palavras de Montfort – o cristão e o religioso abandonam-se mais à Graça, deixando de viver subjogados na mente, coração e vontade, ao império do subjetivismo. É neste trilho que terá de ser feito todo o discernimento dos consagrados.

Talvez a origem das crises atuais na vida religiosa esteja na falta de fé e no desconhecimento do que verdadeiramente se é. A linguagem de S. Luís pode ter expressões “arrepiantes” na descrição do conhecimento negativo, mas não se pode descurar a substância: a consagração que não levar à participação na humildade de Maria não gerará frutos de santidade. Percorrendo a estrada do “menos” – como Jesus e Maria – “mais” a graça de Deus fará “em nós maravilhas”.

A humildade de Nossa Senhora será para todos os tempos o melhor antídoto para combater a crise de inspiração por que passa a vida religiosa e não só.

Na Companhia de Maria e em sua companhia os campos da nossa miséria e incapacidades estarão mais abertos a se deixarem transformar pelo Senhor, que sabe “fazer novas todas as coisas” (Ap 21, 5).

A missão monfortina no mundo de hoje (4)

(P. Luiz Stefani, Superior Geral)

Apresentamos nesta edição mais um testemunho missionário dos que integram a Carta Circular do nosso Superior geral sobre a Missão monfortina, datada de 14 de novembro de 2019, dado pelo P. Luciano Andreol, missionário na Delegação do Peru-Brasil.



Palavras do P. Luciano Andreol *Delegação Peru-Brasil*

O Pe. Luciano Andreol atualmente trabalha na cidade de São Paulo, a grande metrópole do Brasil, numa paróquia da periferia, de Santa Rosa de Lima, Perús, onde os monfortinos chegaram há mais de 50 anos. O Pe. Luciano é italiano e foi enviado para o Perú logo no início do seu sacerdócio.

“Livres ... com entusiasmo e paixão, como se fosse a primeira vez: isso não significa que o tenha conseguido praticar. É o ideal. Não foi fácil deixar pela primeira vez a Itália para o Peru. O que me ajudou foi, sem dúvida, a minha juventude e o entusiasmo dos primeiros anos. Não foi fácil deixar o Peru para o Brasil depois de mais de 10 anos em 2 comunidades

diferentes e em vários serviços na entidade. Não foi fácil aceitar o serviço de superior-delegado regressando para o Peru e depois novamente para o Brasil numa outra realidade.

O que me assusta agora é a idade, com os seus problemas de artroses e diferentes enfermidades. Mas continuo convencido de que, para a missão e a missão monfortina, precisamos sempre de liberdade, entusiasmo e paixão.

Santidade-Humanidade: em todos estes anos, experimentei quão grande é a minha humanidade e pequena a minha santidade e, ao mesmo tempo, alguém que se torna santo a partir da sua humanidade. Aparecem todas as crises emocionais com a tua consciência que to recrimina “tu és um sacerdote, tu és santo” e tu não o és, mas sempre tentando caminhar. Montfort diz ao seu amigo Blain que ele nunca sentiu problemas de sexualidade ou algo parecido: Montfort é Montfort e Luciano é Luciano. As crises afetivas e o contacto contínuo com as pessoas, com tanta gente, por outro lado, fizeram-me mais humano e mais amigo dos homens e das mulheres.

Paróquia SIM-Paróquia NÃO: “É monfortino o trabalho na paróquia? O trabalho monfortino nas nossas paróquias pode ser definido como um trabalho missionário?” Na época de Montfort, o pároco era um clérigo rico, com muitos privilégios sociais e econômicos, mais voltado para o lucro, bens materiais, com grande gosto pelos “prazeres do mundo” e pouco pelos “prazeres espirituais”, com desinteresse pelo serviço e a evangelização a ele confiados. Não creio que seja o caso das nossas paróquias hoje em que o pároco e todos os que nelas trabalham, têm pouco tempo para descansar e cuidar de si próprios. Na paróquia, surgem ciúmes, “fofocas” e ataques de invejas; temos amigos, muitos amigos(as), mas também criamos inimizades. O padre monfortino não tem tempo para nada; as pessoas solicitam-no a todo momento. Já, pelo menos no meu caso, não existe segunda-feira como dia de descanso. Mais do que privilégios e lucros, abundam as críticas e os elogios são escassos.

Aquele que se entrega ao trabalho paroquial chora no íntimo do seu coração porque se sente limitado, desamparado/impotente e incapaz de poder fazer qualquer coisa para ajudar os que sofrem. Na vida paroquial, somos “controlados” pelo nosso povo: todos sabem onde vamos, com quem ou com qual, quando, como, porquê, horários de partida e chegada; que famílias frequentamos; quem são as nossas “mulheres” preferidas ou privilegiadas; algumas pessoas querem ser as donas do padre; a empregada de há tantos anos já é a dona da casa e a secretária, a “PÁROCA” ... Depois de uma vida na paróquia, hoje posso dizer: o monfortino na paróquia, se ele é missionário, vive a realidade paroquial de hoje com a sua presença significativa.

Seminário SIM-Seminário NÃO: Se queremos uma leitura fundamentalista de Montfort, então sabemos-lo muito bem: ele não queria perder tempo e forças para a formação de seminaristas; queria que fossem já padres, prontos para a missão. A maior preocupação hoje são as vocações e a manutenção económica das casas de formação. Temos que nos preocupar com a nossa própria vocação, em primeiro lugar, para que eu, com os meus irmãos, sejamos testemunhas e tenhamos uma presença significativa lá onde estamos.

A comunidade – fazer juntos: a comunidade é algo bonito e maravilhoso e, ao mesmo tempo, algo muito difícil, especialmente nos dias de hoje, onde o individualismo mais prevalece. Procura-se dar o que é vivido em comunidade: quando tu não vives, as pessoas percebem. Uma comunidade de pessoas, irmãos que se amam, já é missão. Mas que difícil! Vivi muitos momentos bonitos em comunidade com a oração, retiro e reuniões, sem nos cansarmos.

Hoje, às vezes, somos como aquelas famílias que se reúnem por ocasião de um funeral e não conseguem reunir-se em casa. Continuo sonhando a vida comunitária que não significa colocar 3 ou 4 pessoas para mostrar que existe uma comunidade: elas também podem ser em 2, mas com uma presença muito significativa: quando não está ninguém, quando vês as pessoas que se perguntam: onde estão eles? Então tu és significativo.

Desinstalação – itinerância: lendo os textos sobre o Sínodo da Amazônia, diz-se em várias partes, que na Amazônia devemos permanecer com certa estabilidade. Também acredito nisso nas nossas paróquias tão grandes do Peru e do Brasil: não se pode mudar em pouco tempo. Eu acho que temos que evitar o “turismo pastoral e comunitário”. Desinstalação e itinerância são atitudes internas que abrem continuamente o coração à disponibilidade. Existem outras desinstalações que eu vivo na paróquia:

- **Dos horários:** é comum entre nós dizer à funcionária, quando toca a campainha, DIGA QUE NÃO ESTOU ... é porque programamos o nosso horário e as pessoas vêm desprogramá-lo porque não têm os mesmos horários que nós;
- **Dos programas:** como no caso deste assunto que agora escrevo; tinha-me programado que o fizesse há muito tempo, mas só o consegui agora, o último dia do prazo que me foi dado;
- **Dos lugares:** quanto tempo passo em casa e quanto tempo na rua?
- **Do povo:** se vais falar com alguém da esquerda, o Padre é comunista; se fores com os conservadores, o Padre é direitista; se vais visitar uma família “rica”, o Padre não gosta dos pobres; se ficares a conversar com os jovens, o Padre não gosta dos idosos; se fores à casa onde há apenas mulheres, o Padre é um mulherengo...
- **De coisas e bens:** existe a facilidade de ter tantas coisas que as pessoas também te oferecem e, então, depende de ti desfazer-te delas.

MARIA: Nas paróquias onde estive mais do que falar sobre MARIA, VIVI E RESPIREI MARIA.

As paróquias Monfortinas são e devem ser COMUNIDADES DE COMUNIDADES: é nas pequenas ou grandes comunidades que se vive o cotidiano da fé, que te aproxima das pessoas e as pessoas de ti. Elas são a força que a Igreja ainda tem para se fazer presente na vida da maioria do povo. Eu acredito nas Comunidades Eclesiais de Base. Não sou inimigo dos movimentos, mas tenho a firme convicção de que o futuro da Igreja serão as comunidades. Nasceu numa pequena comunidade, desenvolveu-se em comunidade, cresceu na massa, e continuará a existir nas comunidades.

Opção pelos pobres: é uma opção da Igreja, mas nós, Monfortinos, temos feito e muito com que os mais pobres se sentissem realizados e amados: refeitórios populares (comedores), centros de saúde, escolas, alfabetização, hospital policlínico, oficinas de todos os tipos, farmácias populares, Sítio Agar, pastoral da infância, hortas e plantações, ajudas para necessidades básicas, como água, eletricidade, saneamento, abrigos para deficientes, toxicodependentes, idosos ... Os pobres não têm horário; os pobres são um pouco mentirosos de vez em quando; o pobre nunca te diz NÃO; o pobre é pobre ... e nós o amamos.

Outros pontos que não irei desenvolver, mas apenas tocar que são elementos importantes para a nossa missão Monfortina e paroquial: a liturgia como vida celebrada; as santas missões paroquiais; o dízimo e outras formas de apoio e sustento.

Concluindo:

Eu acredito na missão evangelizadora monfortina. Acredito no trabalho que fiz e estou a fazer. Onde está a diferença entre um pároco monfortino e um padre diocesano? É o aspecto menos trabalhado nas nossas comunidades, mas se conseguirmos ser nós mesmos; viver a missão com alegria e gratidão, com emoção e paixão por Cristo e pelos nossos irmãos; se conseguirmos ser uma comunidade paroquial monfortina de pessoas que se amam, seremos testemunhas e referência para tantos jovens que estão à procura de algo mais nesta vida e que nós podemos oferecer a eles. Durante todos estes anos de missão na América Latina, Peru-Brasil, pensei muito pouco se Montfort queria ou não as paróquias; procurei viver “algo” de Montfort, talvez muito pouco, ou algo ao estilo de Montfort, como o amor aos pobres, a Maria, a Cristo Sabedoria, à Igreja (sempre santa e pecadora), à minha comunidade religiosa. Nem sempre foi fácil atualizar a mensagem de Montfort.

Hoje, tenho certeza de que Montfort foi muito mais radical do que eu, em tudo. Tive muitas tentações de trabalhar sozinho: nalgumas ocasiões por não partilhar o modo de pensar e agir dos meus confrades e noutros momentos porque queria “correr mais” e os meus confrades me forçavam a desacelerar para respeitar o ritmo de cada um. No Brasil, iniciamos um projeto muito lindo de uma “comunidade formativa”, isto é, a formação inserida numa realidade pastoral ou missionária. Percebi que nós, Monfortinos, somos muito diferentes e a diferença é, ao mesmo tempo, uma riqueza e um problema. Riqueza porque nos torna mais “ricos” em experiências e em VR; problema ... porque somos humanos e nem sempre sabemos aceitar a humanidade do outro.

A missão monfortina é grande e os missionários o são cada vez menos. Se conseguíssemos reconstruir comunidades reconciliadas e bem fraternas, a nossa missão recuperaria em brilho e em beleza; em profundidade e santidade; na alegria de viver e amar; em qualidade e quantidade ... “

*Pe. Luciano Andreol, SMM
Brasil*

Testemunhos/opiniões:

Apresentamos em seguida e testemunhos de duas pessoas que fizeram no passado dia 15 de agosto a Consagração a Jesus por Maria na nossa casa em Fátima. São testemunhos que nos inspiram a reavivarmos também a nossa consagração.



Entre o Céu e a Terra:

A Consagração a Nossa Senhora da Sabedoria no dia de Nossa Senhora da Assunção, Monfortinos de Portugal, Fátima. Testemunho de Isabel de Santiago. Como se presta um testemunho de um caminho? Como se partilha o forte e metafísico sentimento que nos exulta a experiência, única e divina de uma consagração, onde a entrega mais não é que uma Servidão a Jesus, filho de Deus pela entrega e perseguição dos passos puros de Sua Mãe, e Nossa, a Virgem Maria? Não passo de uma pecadora. Que serve o próximo como a um irmão ou filho ou Mãe da Terra. Este caminho passou pela introdução feita pelo Padre António Martins Pereira, há mais de 22 anos, numa relação de fé e amizade espiritual incondicional. Num ano bissexto, em que grande viragem se deu no Mundo, e em que os seres humanos são obrigados a repensar a sua vida e a existência em comunidade e serviço ao próximo, antes que a Pandemia assolasse a Terra onde a Virgem Mãe apareceu aos Pastorinhos de Fátima, viajei em Peregrinação a Israel durante a Quaresma, com orientação espiritual do mesmo Sacerdote Monfortino. Regressámos infetados. E uma nova e ameaçadora fase começou nas nossas vidas. O bem de servir, afastou-me do medo de partir. E servi ao próximo como se de minha vida se tratasse. Seguiu-se o retiro de 15 dias em Fátima, na Casa de Monfort, após o segundo teste negativo à SARS-Cov2, doença de Covid19. Num abraço de humanização e fé, União e partilha de pobreza. Com a reflexão filosófica conduzida pelo Padre Carlos Miguel desde madrugada no caminho para a Via Sacra até à Capela dos Húngaros. Observando os sinais da água do orvalho da madrugada e o calor do silêncio na reflexão e das palavras duras de Monfort que nos revisitam a Alma e nos colocam no caminho da Cruz, na entrega incondicional do Amor a Deus, Por Maria. Oração incessante. Uma batalha silenciosa a que segui, antes da Consagração é de sacrifício pessoal e de entrega pelo bem comum. A Leitura dos Textos do Livro “Os amigos da Cruz” reposiciona-nos na vida à época atual, e remete-nos para “Se alguém quiser vir após Mim, renegue-se a si mesmo, tome a sua cruz, dia após dia, e siga-Me” (Lc 9,23). Foi uma procura incessante de aproximação da perfeição a partir da nossa imensa pequenez e imperfeição. Para quem vive estes tempos de pandemia que já tocou a vida e a saúde de milhares de pessoas no Mundo, especialmente os mais pobres com parcas condições de higiene. Os milhões de infetados, abateram o nosso falso paraíso. A terra começou a sua queda vertiginosa sobre nós e não pode desmanchar o Céu que existe em nós, com a Fé. A Celebração com 3 sacerdotes: o Superior Nacional Padre Amílcar

Tavares, o Superior da Casa, o Padre Carlos Miguel Vieira e o Ecónomo, Padre Luís Oliveira. A cerimónia da Consagração teve lugar na capela da Casa de Monfort, tendo-me marcado em especial a leitura sobre a Visita de Maria a sua prima Isabel. Sou Isabel Maria, e os símbolos fortes: A Palavra, a Imagem de Nossa Senhora a Água, simbolizando o Batismo e a Vela Acesa a partir do Círio. E uma recitação em uníssono, num conjunto de 23 consagrados, da oração de consagração. Nos textos lidos de S. Luís Maria Grignon de Montfort, as palavras que gravei no meu coração e conduzem a minha mente: “Eu sou todo teu, e tudo o que é meu te pertence, meu amável Jesus, por meio de Maria, tua Santa Mãe”; “Dêem preferência às aldeias mais que às cidades, aos pobres mais do que aos ricos” e a mais determinante para mim, “O Senhor não considera tanto o sofrimento em si mesmo, mas sim a maneira como se sofre”. Quero seguir o meu caminho para a Cruz, por devoção a Maria, com Jesus.

/ Isabel Santiago

Registo nº 555. Invited Assistant Professor and Researcher on Health Communication Research, Education, Intervention INSTITUTO DE MEDICINA PREVENTIVA E SAÚDE PÚBLICA, Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa 15 de agosto de 2020



Eu Sílvia, sou católica e até algum tempo atrás achava que era uma católica praticante, mesmo sabendo que era um tipo de católica como se costuma ouvir: sou católica à minha maneira. Vou à missa rezo alguma coisa se bem que quando os problemas aparecem rezo mesmo, até que um dia comecei a trabalhar com uma antiga colega e notei logo que ela era diferente, a calma e, por vezes, dizia-me: tem calma, coloca tudo nas mãos da Mãe ela vai ajudar, reza uma ave-maria. E aquilo funcionava mesmo.

O exemplo que ela mostrava da vida dela, a disponibilidade que ela tinha para participar em grupo de oração e voluntariado e tempo para a família, era bonito de se ver. Um dia convidou-me para ir à missa à Casa Montfort, a uma sexta-feira, no final do dia, e depois se quisesse ir à via-sacra era como eu quisesse. O meu pensamento e até acho que lhe disse mesmo: à sexta-feira é complicado para mim (só desculpas), ela também me disse: só temos tempo para o que queremos. E aquilo ficou a remoer-me.

Eu, que trabalho com tantos peregrinos que fazem um esforço para vir a Fátima, pelo menos uma vez por ano, e dizem que saíram de cá cheios de Paz, Amor e tanta coisa mais; eu sei que respondo tantas vezes: gostava de sentir o que vocês sentem. Afinal era eu que não deixava que a Mãe me tocasse. Decidi que ia queria ver e perceber o porquê daquelas pessoas que sentiam falta de ir ouvir a palavra do Senhor. Gostei muito, uma missa de família. No final, o

Padre Carlos fez o convite para a Consagração de si mesmo a Jesus Cristo, Sabedoria Encarnada, pelas mãos de Maria. Mais uma vez hesitei, mas fui aos encontros de preparação e uma coisa é verdade, nem todas as pessoas têm o dom da palavra, mas o Padre Carlos é tocado pelo Espírito Santo ou estudou a lição muito bem, mas nota-se que é espontâneo, sai de dentro dele.

Saía sempre mais rica espiritualmente e com o coração amolecido de ternura. Mesmo na véspera do Santuário de Fátima ter de cancelar todas as suas cerimónias tive uma grande Graça: o privilégio de participar no terço das 18.30h, na Capelinha das Aparições, com o Padre Carlos. Primeira reação: não, tenho medo de me enganar. Resposta do Padre Carlos: “Oh mulher, porque é que só se concentram nas coisas negativas quando têm a Mãe ao vosso lado”. Adorei a experiência e sei que sai de lá diferente.

Instalou-se a pandemia da covid 19, que também foi para ter o tempo para valorizar tudo o que aprendi e dar atenção a tanta coisa simples, como cuidar das almas que tanto precisam das nossas orações. Tinha a certeza que queria fazer a consagração. Dia 15 de agosto, Assunção Da Virgem Santa Maria, o dia perfeito para saber que Ela nos quer todos junho d’Ela.

A celebração foi tocante. Recebemos uma vela que foi acesa a partir do círio, para termos a Nossa Senhora, presente em nossas casas. Tocar na Palavra do Senhor, a água renovação do nosso batismo e uns momentos diante da Nossa Senhora da Sabedoria para lhe dizer: Obrigada Mãe por todas estas pessoas que colocaste no meu caminho e que nunca desistiram de mim e acreditaram que eu só precisava de me deixar tocar por Maria.

Que eu consiga de passar o meu testemunho a outras pessoas que eu consiga chegar ao coração de alguém que ande com falta de dar valor a todo o exemplo que a nossa Mãe nos deu.

Por Maria com Maria.

/ Silvia

Comunicações/Informações:

† A nossa presença no espaço WEB e redes sociais

A Delegação tem feito um grande esforço de inserção no espaço digital. Apresentamos oficialmente as diversas plataformas onde nos damos a conhecer. Solicitamos que todos possam contribuir com o envio de material para atualizarmos e assim enriquecermos esses espaços que a tecnologia nos oferece, sem esquecer de consultar e darmos a conhecer também aquilo que é nosso. Cabe um agradecimento particular aos nossos colegas P. Luís Ferreira, P. Luís Oliveira e P. Carlos Vieira pela competência e dedicação mostradas em prol desta abertura ao mundo web. Em futuras publicações não se podem esquecer de ser referidos estes canais de presença monfortina portuguesa.

†Página Web: www.monfortinos.pt

†Youtube: <https://bit.ly/3jzPbCw> ou https://www.youtube.com/results?search_query=monfortinos+em+portugal

†Facebook: <https://bit.ly/3np879a> ou <https://www.facebook.com/groups/monfortinosportugal>

✦ **Vinda do missionário monfortino da Indonésia**



A vinda missionária do jovem Saferinus Njo, para a nossa Delegação, está dependente da abertura da embaixada de Portugal em Jacarta. Devido à pandemia Covid 19 várias embaixadas da Europa na Indonésia foram encerradas. Toda a documentação para a obtenção do visto já foi enviada. Auguramos que este processo, tanto quanto possível, tenha um desfecho célere e feliz. Entretanto o diácono Saferinus já iniciou o estudo da língua português com o P. Wim Peters.

Acompanhamos todo este processo em clima de oração.

✦ **Eucaristia dominical na Casa Montfort**

Na casa Montfort, em Fátima, se passará a celebrar a Eucaristia para o povo, aos domingos, às 21.00 horas. Iniciou-se este serviço no dia 04 de outubro passado, após muitas solicitações do Povo de Deus.

✦ **Recitação do Rosário (transmissão online)**

Sendo o mês de outubro o mês das Missões e também o mês do Rosário, a comunidade de Fátima reza o rosário, de segunda a sexta, às 21.30 horas, através das redes sociais.

✦ **Nova capelania**

O P. Horácio, em sintonia com a comunidade de Fátima, iniciou no dia 27 de setembro um novo serviço de celebração de missa dominical na casa das Religiosas de Maria Imaculada, às 11:30 horas. Devido à sua ausência do santuário de Fátima por causa da pandemia o P. Horácio e a comunidade acharam por bem que se atendesse o pedido da referida comunidade religiosa.

ENDEREÇOS DOS MISSIONÁRIOS MONFORTINOS EM PORTUGAL

✦ **Página Web:** www.monfortinos.pt

✦ **Youtube:** <https://bit.ly/3jzPbCw> ou
https://www.youtube.com/results?search_query=monfortinos+em+portugal

✦ **Facebook:** <https://bit.ly/3np879a> ou
<https://www.facebook.com/groups/monfortinosportugal>

